



# fantasma





# fantasma

nilton resende

TRAJES  
L NARES





COPYRIGHT © 2021 BY NILTON RESENDE

EDITORES RESPONSÁVEIS

Luiz Farias

Nando Magalhães

Nilton Resende

CAPA

Nilton Resende e Ulysses Ribas

IMAGEM

Sem título, de Afonso Sarmiento, 2014, caneta nanquim sobre papel,  
15 x 22 cm

Coleção do artista (sketchbook pessoal)

DIAGRAMAÇÃO

Ulysses Ribas

EDIÇÃO

Tamy Ghannam

REVISÃO

Bruno Ribeiro

**Catálogo na fonte**

**Departamento de Tratamento Técnico da Editora Trajes**

---

R79f                      Resende, Nilton.  
                                 Fantasma / Nilton Resende. – Maceió : Trajes Lunares, 2021.  
                                 100 p.  
  
                                 ISBN: 978-65-87894-03-4.  
  
                                 1. Literatura brasileira. 2. Romance brasileiro. 3. Literatura alagoana.  
                                 I. Título.

---

CDU: 869.0(81)-31

Elaborada por Fernanda Lins de Lima – CRB – 4/1717

[2021]

1ª EDIÇÃO

TRAJES LUNARES

WWW.TRAJESEDITORA.COM.BR

TRAJESEDITORA@GMAIL.COM.BR

ALAGOAS/BRASIL





Há ganas de dança  
nos pés que ora não tenho





## FANTASMA

**NOS LUGARES**, após frequentados por pessoas diversas, há sempre um pouco delas: odores, raspas de pele, pelos, salivas, lembranças sonoras, humores vários. Grudam-se às paredes, tecidos, pisos. Por vezes, varam-nos.

Os lugares todos são palimpsestos de visitas.





NILTON RESENDE

NESTA HOSPEDARIA, neste cômodo, um homem estende uma colcha de fuxico sobre a perna, mostrando-a ao filho *Será que a sua mãe vai gostar?* Uma hospedaria que já foi casa de uma família abastada *Eu sou* e em cujo quarto ao lado da escada há uma voz *Por vezes pareço sonhar que alguém me escuta* embora ninguém a ouça, a coisa, o ente, deste quarto o mais novo e antigo habitante, rebento, resíduo, memória, e a que, na ausência de um nome, podemos *Vai, pai, ela vai adorar*





**PREPARAM-SE PARA SE IREM** *Sempre houve uma cegueira em mim* o menino sentado sobre a cama, as mãos apertando os joelhos enquanto espera o pai se arrumar. Seria tão melhor se eles se demorassem, pois agora não os veria mais como antes. É que nunca dera a devida importância ao que há nos gestos, à multidão de outros movimentos inapreensíveis sob cada movimento, o torvelinho invisível que roda as pás do moinho de cada ação. É que nunca antes atentara para os motores, mas agora *Os gestos são invólucros* pois sim, de coisa alguma pode-se dizer a palavra “apenas”. E vão-se justo quando passa a olhá-los mais detidamente.

Num esforço de juntar-se, empertiga-se, admirando o homem e o menino que se arrumam, as meias alaranjadas *Nunca mais hei de olhá-los como a uma pedra*





ARRUMARAM-SE AMBOS E SAÍRAM E FECHARAM A PORTA, deixando um rastro, raspas de pele, pelos, salivas *Moviam-se nervosas as mãos do menino sobre as barras da camisa do pai* lembranças sonoras, humores vários *As mangas do homem foram dobradas em desalinho* embalagens, as formas dos corpos sobre os tecidos, odores. Uma invisível vaga perfumando o cômodo, desde que o pai borrifou a barba, e depois a mão, as duas, passando-as no rosto do menino, que se demorou a olhar a colcha que o pai lhe mostrara, os dedos passeando sobre as cores, sobre as reentrâncias, os espaços entre cada peça, a ponta do dedo tocando um pequeno círculo de bordas enrugadas, depois mais outro, o dedo mindinho pressionando a entrada, a mão espalmada sobre a colcha, sentindo-lhe os detalhes, e então olhou para cima: Vai, pai, ela vai adorar. Pegou a colcha, levantou-a um pouco, cheirou-a. Incensando-a, o mesmo perfume que o pai passara na barba, nas mãos, no rosto do menino. O perfume que agora se espalha e serpeia até a janela, tentando escapar *Eu sou* mas vem uma lufada desse retângulo na parede, desse inenxergável lugar, inalcançável, um dos segredos recortados na superfície toda palpável da parede do quarto. Uma outra lufada, e com mais força a fragrância é jogada para dentro, e redemoinha-se no alto, dançando em torno da lâmpada, e bifurca-se num dos vértices do guarda-roupa, as pontas seguindo em volutas, como se olhando-se, tencionando se encontrar ao sabor de um outro sopro *Se eu pudesse soprar*





UMA PENA TEREM-SE IDO, porque, eles sentados à cama, fora possível enxergar com nitidez, pois que se formavam sobre cada um deles, duas redomas, que já haviam surgido à noite, breves e embaçadas, desaparecendo com a rapidez com que surgiram  *Talvez me fique do menino o pender do corpo para o lado, seu meneio à esquerda quando dá um passo* mas quando eles sentados, numa primeira vez pôde ver manifestamente, das pessoas que aqui vêm, imagens do que lhes vai por dentro, coisa por que sempre teve sede, o não apenas enxergar-lhes os gestos ou ouvir suas falas, mas de algum modo saber-lhes as intimidades, os desejos, os asombros.

